

Entre autonomia e conformidade: o esclarecimento kantiano e a recusa à tutela em *O Estrangeiro* de Camus

Between autonomy and conformity: kantian enlightenment
and the refusal of tutelage in Camus's *The Stranger*

Luiz Henrique Pimenta Quintela

<https://orcid.org/0000-0001-9760-8220> – E-mail: rickquintela@gmail.com

RESUMO

Este artigo investiga a articulação entre o conceito kantiano de esclarecimento (*Aufklärung*), conforme exposto no ensaio “Resposta à Pergunta: O que é Esclarecimento?” (1784), e a representação literária da recusa à conformidade normativa em *O Estrangeiro* (1942) de Albert Camus. Argumenta-se que Meursault, protagonista da obra camusiana, encarna uma forma paradoxal de relação com o esclarecimento: ao recusar as expectativas sociais e performar uma existência autêntica, ele tanto manifesta autonomia quanto permanece aprisionado em uma forma de minoridade que o impede de exercer publicamente sua razão. A análise demonstra que a distinção kantiana entre uso privado e uso público da razão fornece chave interpretativa fundamental para compreender não apenas o destino trágico de Meursault, mas também fenômenos contemporâneos de resistência silenciosa à normatividade institucional, particularmente no âmbito das relações de trabalho. Ao evidenciar os limites da autonomia meramente individual, este estudo contribui para a compreensão filosófica de práticas contemporâneas de delimitação de fronteiras entre conformidade obrigatória e engajamento voluntário, oferecendo subsídios teóricos para investigações sobre mudanças nas relações entre sujeito e instituições na contemporaneidade.

Palavras-chave: Esclarecimento. Autonomia. Kant. Camus. Tutela. Trabalho.

ABSTRACT

This article investigates the articulation between the Kantian concept of enlightenment (*Aufklärung*), as expounded in the essay "An Answer to the Question: What is Enlightenment?" (1784), and the literary representation of the refusal of normative conformity in Albert Camus's *The Stranger* (1942). It argues that Meursault, the protagonist of Camus's work, embodies a paradoxical form of relationship with enlightenment: by refusing social expectations and performing an authentic existence, he both manifests autonomy and remains imprisoned in a form of immaturity that prevents him from publicly exercising his reason. The analysis demonstrates that the Kantian distinction between private and public use of reason provides a fundamental interpretative key to understanding not only Meursault's tragic fate, but also contemporary phenomena of silent resistance to institutional normativity, particularly in the context of labor relations. By highlighting the limits of purely individual autonomy, this study contributes to the philosophical understanding of contemporary practices that delineate boundaries between mandatory conformity and voluntary engagement, offering theoretical support for investigations into changes in the relationships between subjects and institutions in contemporary times.

Keywords: Enlightenment. Autonomy. Kant. Camus. Guardianship. Work.

Introdução

A interseção entre filosofia e literatura representa um terreno complexo e enriquecedor, no qual as ideias abstratas da filosofia se entrelaçam com as experiências concretas da vida humana, expressas por meio da narrativa literária. Esse encontro entre disciplinas distintas possibilita uma abordagem singular para explorar as tensões que estruturam a condição humana, especialmente no que concerne à autonomia, à liberdade e às formas de normatividade social. Enquanto a filosofia investiga os fundamentos do pensamento e da moralidade, a literatura encena, no plano da existência vivida, os conflitos que emergem entre o indivíduo e as estruturas normativas que o circundam, sejam elas de ordem moral, política ou institucional.

No âmbito da filosofia, a abstração é uma característica intrínseca, muitas vezes expressa por meio de argumentos lógicos, conceitos e teorias. No entanto, a literatura proporciona uma encarnação dessas abstrações, tornando as ideias filosóficas mais acessíveis e tangíveis para o leitor. Ao incorporar essas ideias em tramas narrativas e personagens, a literatura possibilita uma conexão mais emocional e empática com as questões filosóficas, permitindo que os leitores vivenciem essas reflexões de maneira mais vívida e pessoal.

Essa interseção também serve como um meio pelo qual as ideias filosóficas podem ser desafiadas e contextualizadas em situações do cotidiano. A literatura muitas vezes explora as nuances éticas, morais e existenciais por meio das vidas dos personagens, lançando luz sobre dilemas humanos universais e confrontando os leitores com perguntas que transcendem o âmbito puramente teórico.

Assim, esse trabalho se mostra relevante posto que, a junção entre filosofia e literatura não apenas amplia a compreensão intelectual das ideias filosóficas, mas também oferece uma oportunidade única para explorar as dimensões emocionais e éticas dessas ideias. É nesse encontro que o pensamento abstrato encontra uma expressão concreta e palpável, permitindo

que as reflexões críticas sobre a condição humana se desdobrem de maneira que ressoem profundamente com a experiência vivida. Essa abordagem abrangente, ancorada na convergência da filosofia e da literatura, proporciona uma visão mais completa e enriquecedora das questões fundamentais que moldam a existência humana.

Nessa perspectiva, a reflexão sobre o esclarecimento kantiano ultrapassa o horizonte estritamente histórico do Iluminismo e revela sua atualidade como categoria crítica para compreender processos de emancipação e resistência em diferentes esferas da vida social. A noção de saída da menoridade, entendida como superação da tutela e exercício público da razão, pode ser mobilizada para interpretar não apenas dilemas existenciais dramatizados em obras literárias, mas também transformações contemporâneas nas relações entre indivíduos e instituições. Particularmente relevante é a distinção kantiana entre uso privado e uso público da razão: enquanto o primeiro exige conformidade ao papel institucional ocupado, o segundo demanda a crítica aberta das estruturas vigentes. Essa tensão estrutural revela-se especialmente produtiva para compreender fenômenos contemporâneos nos quais trabalhadores mantêm o cumprimento formal de suas obrigações contratuais, mas recusam o engajamento afetivo e simbólico que extrapolaria esses limites, configuração que tem sido designada, no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho, como “*Quiet Quitting*” ou, mais precisamente, “engajamento delimitado”.

Ao evidenciar como a autonomia se manifesta (ou fracassa) na vida cotidiana, e ao expor os riscos de uma recusa à conformidade que não se articule com o uso público da razão, o presente estudo fornece fundamentos conceituais que dialogam com investigações mais amplas sobre mudanças nas relações de autoridade e obediência no mundo contemporâneo. A análise de Meursault, protagonista de *O Estrangeiro*, permite iluminar não apenas os limites filosóficos da autonomia meramente individual, mas também os riscos de uma resistência silenciosa que, desarticulada da esfera pública, pode resultar antes em isolamento e punição do que em transformação estrutural. Essa dimensão crítica mostra-se particularmente relevante em um momento histórico no qual a recusa ao excesso de demandas institucionais tem assumido formas predominantemente individualizadas e despolitizadas, requerendo uma análise filosófica que distinga emancipação autêntica de retraimento acomodado.

Nesta conjuntura, destacam-se dois gigantes intelectuais de diferentes épocas e contextos culturais: Immanuel Kant, o filósofo iluminista alemão do século XVIII, e Albert Camus, o renomado escritor e filósofo existencialista francês do século XX. Este artigo visa traçar uma conexão entre as ideias de Kant, especialmente em sua obra seminal “O que é Esclarecimento?”, e a obra literária *O Estrangeiro* de Camus, explorando como o conceito de esclarecimento pode ser aplicado à narrativa existencialista de Camus.

Immanuel Kant, em seu texto “O que é Esclarecimento?”, convida os leitores a romperem com a tutela que impede o uso pleno da razão. Propõe que o esclarecimento seja a saída do homem de sua menoridade autoimposta, guiando-o em direção à autonomia e liberdade de pensamento. Neste contexto, a presente análise busca identificar paralelos entre as ideias de Kant sobre esclarecimento e a jornada existencial do protagonista de *O Estrangeiro*, Meursault, um homem indiferente e distante perante as normas sociais e as convenções estabelecidas. Surge assim a seguinte questão de pesquisa: Como o personagem de Camus representa o conceito de esclarecimento? E, aprofundando a experiência, pensar quais são as barreiras que impedem o personagem de alcançar o esclarecimento?

Ao desvendar as camadas da obra *O Estrangeiro*, este artigo se propõe a explorar como a perspectiva de Meursault em relação à sociedade que o cerca pode ser interpretada à luz do conceito kantiano de esclarecimento. Será analisado como a indiferença de Meursault perante

as expectativas sociais pode ser vista como uma busca pela autonomia, ainda que essa autonomia leve a uma estranheza existencial.

Ao conduzir essa investigação, o artigo visa lançar luz sobre a relevância contínua das ideias de Kant na compreensão da liberdade individual e do esclarecimento, conectando-as de maneira inovadora a uma obra literária clássica do século XX, *O Estrangeiro*. Em última análise, propomos que a reflexão sobre a interação entre filosofia e literatura pode enriquecer nossa compreensão da condição humana, proporcionando percepções valiosas sobre o significado do esclarecimento em diferentes contextos históricos e culturais.

Para atingir tal objetivo, foi realizada uma revisão bibliográfica, leitura atenta das obras de Camus e Kant, identificação de paralelos entre elas, análise textual, contextualização histórica e cultural, diálogo filosófico-literário, construção de argumentos inovadores, análise comparativa, conclusão e contribuições. Assim, como primeiro passo, nas próximas sessões seguem uma contextualização e detalhamento da vida e obra de Immanuel Kant e, logo em seguida, da vida e obra de Albert Camus.

Cabe ressaltar que este artigo integra um projeto mais amplo de investigação sobre as dimensões ético-existenciais da autonomia no contexto das relações contemporâneas de trabalho. Embora o foco aqui recaia sobre a análise filosófico-literária das categorias kantianas aplicadas à obra de Camus, as reflexões desenvolvidas fornecem subsídios conceituais para compreender fenômenos organizacionais nos quais trabalhadores estabelecem fronteiras entre obrigação contratual e entrega voluntária, questionando assim os limites da tutela institucional e as possibilidades de exercício da autonomia em contextos marcados por assimetrias de poder. A articulação dessas categorias filosóficas com evidências empíricas do campo organizacional será objeto de investigação complementar, mas as bases conceituais aqui desenvolvidas revelam-se fundamentais para distinguir resistência crítica de mera apatia, autonomia de isolamento, e delimitação ética de conformismo passivo.

Immanuel Kant

Considerado um dos pensadores mais importantes da história da filosofia, Immanuel Kant foi um filósofo alemão que viveu de 1724 a 1804. Filho de uma fervorosa adepta do Pietismo, uma linha do Protestantismo Luterano, Anna Regina Kant e de um fabricante de arreios para cavalos, Johann Georg Kant (Kuehn, 2002), nasceu em Königsberg, localizada na Prússia Oriental, atual Kaliningrado, cidade da Rússia, onde aos 80 anos faleceu (Reale; Antiseri, 2005).

Kant foi o quarto filho de uma família composta por onze pessoas, teve uma vida simples e influenciada pelo Pietismo, movimento religioso cristão surgido na igreja Luterana Alemã no século XVII que se apoiava na experiência pessoal de Deus, santificação da vida cotidiana e amor ao próximo. O pietismo enfatizava uma moralidade austera, que se manifestava em um comportamento simples e comedido, especialmente no que diz respeito à alimentação, vestimenta e lazer, além de ressaltar a responsabilidade para com o mundo, acreditando que os cristãos devem agir para melhorar a sociedade, pontos presentes na vida do filósofo e de influência em suas obras (Marchese; Aguiar, 2018).

Em 1732, com cerca de oito anos, Kant iniciou seus estudos em sua cidade natal no internato luterano denominado *Collegium Fridericianum*, onde teve contato com latim, grego, matemática, física e filosofia. Diante de seu destaque nos estudos, aos 17 anos ingressou na Universidade de Königsberg, onde estudou Teologia e Filosofia. Em 1748, concluiu os estudos formais na universidade, passando a exercer atividade de professor particular (*Hofmeister*) para as famílias Andersch, von Hulsén e Keyserling (Kuehn, 2002). Dando seguimento aos estudos,

em 1755 concluiu a obra dissertativa intitulada *Meditationum quarundam de igne succinta delineatio*, traduzida por Vier como *Esboço Sumário de Algumas Meditações sobre o Fogo* (Pascal, 2009), concedendo a Kant o grau de *Magister* em Filosofia. Já em 1770, aos 46 anos, diante da possibilidade de se tornar *Professore Ordinario der Logic und Metaphysic*, fez-se necessário realizar, às pressas, a defesa pública da denominada dissertação inaugural em latim, intitulada *De mundi sensibilis atque intelligibilis forma et principiis* (Sobre a forma e os princípios do mundo sensível e inteligível) (Höffe, 2005), obra que o apoiou no desenvolvimento de sua filosofia transcendental, presente em suas obras posteriores (Wood, 2008). Essa foi considerada pelo próprio Kant como o fim do “período pré-crítico” e início da sua “filosofia crítica” (Kuehn, 2002).

Agora, como professor titular na Universidade de Königsberg, função que exerceu de 1770 até 1804, ano de sua morte, Immanuel Kant toma destaque cada vez maior no meio acadêmico e científico, assumindo papéis importantes como o de Reitor dessa Universidade em 1779 (Kuehn, 2002). Durante esse tempo, publicou inúmeras obras que se tornaram clássicos da filosofia, dentre essas temos *Crítica da Razão Pura* (1781), *Crítica da Razão Prática* (1788) e *Crítica do Juízo* (1790).

Na década de 1780, perpassados pelos ideais Iluministas (movimento intelectual que floresceu nos séculos XVII e XVIII na Europa, promovendo a razão, a liberdade, a tolerância e a crítica da autoridade), Kant foi questionado por Johann Friedrich Zöllner, membro de um grupo de pensadores iluministas, sobre o seu posicionamento acerca do Esclarecimento. Assim, em 1784, Kant escreveu o seu texto intitulado “*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*” traduzido para o português como “Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?” publicado na revista *Berlinische Monatsschrift* (Kuehn, 2002). Esse ensaio servirá de base para desenvolvimento desse trabalho, assim, na sessão seguinte temos essa obra em detalhes.

Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento (*Aufklärung*)?

Entre os séculos XVII e XVIII, eclodia na Europa um movimento intelectual que presava pela primazia da razão humana e a liberdade de pensamento, o Iluminismo, que propunha uma reforma da sociedade baseada em princípios de racionalidade e progresso.

Um grupo de intelectuais alemães, influenciado por essa ideologia, reunia regularmente para discutir ideias sobre filosofia, ciência e política, dentre esses estava Immanuel Kant, que aos 60 anos já ocupava uma posição de destaque em meio aos pensadores da época.

Em 1784, Johann Friedrich Zöllner, também membro desse grupo, instigou Kant a responder à pergunta “O que é Esclarecimento (*Aufklärung*)?”, o que deu origem a um pequeno ensaio onde o filósofo nega o Esclarecimento (*Aufklärung*) como um simples aprendizado ou conhecimento adquirido, em outras palavras, Kant o descreve como um ato de abandono de uma condição de imaturidade, onde a pessoa tende necessariamente a ser conduzida por outro (Wood, 2008; Kant, 1985).

Uma característica forte nessa produção foi uma linguagem mais acessível, pois Kant escreveu para expor uma ideia simples e não uma teoria complexa, daí o motivo de ser visto como ensaio, além disso, esse foi escrito para um público amplo, não apenas para filósofos, Kant evitou o uso de linguagem técnica ou filosófica, pois desejava que seu texto fosse acessível a todos.

Esse ensaio foi publicado em dezembro de 1784 na revista alemã *Berlinische Monatsschrift*, com título original “*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*” e traduzido para português como “Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?”, cabe destacar que não há tradução precisa do termo “*Aufklärung*” para o português, dentre essas temos as variações mais populari-

zadas: iluminismo e esclarecimento, sendo o primeiro advindo de uma tradução do texto francês, já o segundo diretamente do alemão no intuito de considerar "*Aufklärung*" como processo de "elevação do ser humano", ou seja, saída da menoridade, não se restringindo apenas a uma corrente de pensamento como o Iluminismo (Siqueira, 2006).

O texto se inicia com um dos seus trechos mais populares, que diz:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*] (Kant, 1985).

Aqui fica evidente a clareza na escrita se comparada a outras obras de Kant, como dito anteriormente, visando que esse não se restrinja aos pares, mas as pessoas letradas, em geral. O conceito esclarecimento sofre uma oscilação entre dois contextos compatíveis: a perspectiva subjetiva voltada ao indivíduo e ainda a objetiva relacionada a qualificação de uma época histórica. Esses se tangenciam no "uso público da razão" transitando entre a esfera privada e pública, entre o âmbito individual e comunitário (Klein, 2009).

Para melhor entendimento, inicialmente, é preciso analisar o contexto do ser humano para compreender o que é o esclarecimento. Para Kant (1985), o homem vive em um estado de menoridade, a qual é a condição de tutelado em que o ser humano vive. Em seguida, é necessário analisar os fatores necessários para que o homem saia desse estado de menoridade e alcance o esclarecimento. Para o filósofo, são necessários dois fatores: a liberdade e o uso público da razão.

Kant (1985) concebe a menoridade como a incapacidade de usar a sua razão sem a orientação de outros, caracterizando-a como a dependência de orientação externa. Aqueles que não pensam de forma autônoma, que se acomodam e deixam de raciocinar, tornam-se suscetíveis à tutela e manipulação por terceiros. Embora a natureza tenha concedido ao ser humano a liberdade do domínio alheio (Kant, 1985), muitos continuam a viver sob a influência de tutores. Kant identifica a preguiça e a covardia como dois fatores que levam o indivíduo à incapacidade. A preguiça de pensar torna o homem uma presa fácil para os outros, da mesma forma que o covarde, devido ao medo, limita o exercício de suas capacidades. Isso é claro em sua escrita, que diz:

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os liberou de uma direção estranha (*naturaliter maiorennnes*), continuem, no entanto, de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor (Kant, 1985, s./p.).

Ser menor implica na incapacidade de quebrar as amarras impostas pelo consumismo, religiões ou ideologias. O indivíduo menor não consegue transcender as fronteiras de sua crença, de seu círculo social ou de sua família. Segundo Kant (1985), o único responsável pela sua menoridade é o próprio indivíduo, e somente ele, com a sua liberdade, possui o poder de emancipar-se dessa condição.

Mesmo diante das dificuldades impostas pelo mundo, o esclarecimento é possível. Ainda que o indivíduo esteja acostumado com a minoridade, se lhe for dada a liberdade, a saída dessa dependência é inevitável, embora não seja fácil. Aqui se justifica a exclamação "*Sapere aude!*" ou, em português, "Ouse saber!".

Em outras palavras, segundo Kant (1985), através da razão, a pessoa se engaja na exploração intelectual e, graças à interação entre o sujeito e o objeto, o conhecimento surge. Este é um processo de amadurecimento individual, e é somente de forma gradual que o indivíduo pode alcançar o esclarecimento (Kant, 1985), que se manifesta por meio de um conceito fundamental: a liberdade, que dá origem ao uso público da razão.

A liberdade é o caminho para a saída da minoridade, tendo em vista que através dela o indivíduo faz uso público da razão, o que não se dá de forma descontextualizada e aleatória.

Trazendo para a prática, alguns casos são citados pelo filósofo, como o exemplo do cidadão que:

[...] não pode se recusar a efetuar o pagamento dos impostos que sobre ele recaem; até mesmo a desaprovação impertinente dessas obrigações, se devem ser pagas por ele, pode ser castigada como um escândalo (que poderia causar uma desobediência geral). Exatamente, apesar disso, não age contrariamente ao dever de um cidadão se, como homem instruído, expõe publicamente suas ideias contra a inconveniência ou a injustiça dessas imposições (Kant, 1985, s./p.).

Nesse caso, mesmo estando em desacordo com a cobrança dos impostos, o cidadão cumpre o pagamento e, em momento pertinente, as questiona. Ou seja, em alguns contextos, os membros da comunidade devem se comportar de forma passiva, tendo em vista que o questionamento pode ser prejudicial, assim, o Sábio deve exercer seu direito em momento oportuno, nunca deixando de raciocinar e tomar ciência dos acontecimentos ao seu redor.

Albert Camus

Nascido em Mondovi, atualmente Dréan, na Argélia, em 07 de novembro de 1913, Albert Camus teve sua vida afetada por três grandes tragédias da França no século XX: a Grande Guerra (1914-1918), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra da Independência da Argélia (1954-1962) (van der Poel, 2007).

Pertencente a uma típica família de colonos franceses que se estabeleceram na Argélia durante o domínio francês, seu pai, Lucien Auguste Camus, era um trabalhador rural e sem muita instrução, faleceu em 1914 na batalha do Marne, durante a Primeira Guerra Mundial (Zaretsky, 2010), ficando seus cuidados sob responsabilidade da mãe, Catherine Hélène Sintès, que foi obrigada a ir morar com sua avó materna em *Belcourt*, Argel, Catherine Marie Cardona Sintès, onde trabalhou como faxineira. Com ele, além da mãe e da avó, também moravam um irmão mais velho, e um tio, Etienne, parcialmente surdo que exercia a profissão de tanoeiro (Zaretsky, 2010).

Em uma família humilde, viu-se impulsionado a seguir a profissão do tio, mas um professor da escola primária onde estudava, Sr. Germain, ao perceber seu bom desempenho estudantil, ofereceu uma bolsa para estudar no Lycée Bugeaud em Argel, onde seguiu estudando, mesmo que a família não tivesse acatado muito bem essa decisão, posto que eram pobres e precisavam do trabalho do jovem Albert. Esse professor, sobrevivente da guerra, tinha preferência pelos filhos órfãos da guerra, tentando ao máximo substituir, pelo menos em classe, seus companheiros mortos (Onfray, 2012).

No Lycée mostrou grande empenho no futebol como goleiro e estudos de filosofia, mas ele sofre com tuberculose, em 1930, passando um ano se recuperando, assim, é obrigado a deixar de lado muitos planos no esporte ou ainda nas forças armadas, quando o exército rejeita-o, dados os danos irreversíveis causados pela doença (Onfray, 2012).

Em 1931 o professor e mentor Jean Grenier o engaja nos conhecimentos filosóficos, o possibilitou a Albert Camus obter o título de Licenciado em Filosofia. Em 1934 casou-se com Simone Hie e, dois anos depois, se separou. Só em 1940 ele casa-se novamente com Francine Faure (van der Poel, 2007).

Em 1935 tornou-se membro do Partido Comunista Argelino, se tornando um ativista envolvido na luta pela independência da Argélia da França (Onfray, 2012).

Em 1938, Camus foi contratado como secretário editorial no jornal *Alger Républicain*, onde trabalhou pela primeira vez como jornalista. Futuramente fundou o jornal *Le Soir republicain*. Apesar de pacifistas, Camus e Pascal Pia, que trabalhava como editor-chefe no mesmo jornal, a imprensa na Argélia foi posta sob censura, mesmo assim eles não se intimidavam em criticar a guerra e a possibilidade de paz. Nesse contexto, o jornal *Le Soir republicain* foi suspenso pelas autoridades francesas, em 10 de janeiro de 1940. Isso não o impediu de ingressar e colaborar no jornal *Combat* além de ter trabalhado como “secdac” (secretário editorial) no jornal *Paris-Soir* (van der Poel, 2007), esse último já morando em Paris.

Aos 43 anos, em 1957, Camus recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, sendo considerado o mais jovem premiado na época. Em 4 de janeiro de 1960, aos 46 anos, ele morreu em um acidente de carro, mas suas obras continuam a ser lidas e estudadas em todo o mundo, e seu legado é um importante contributo para a literatura e o pensamento contemporâneo (Camus, 2020).

Muitos foram seus escritos, que abordam temas de ficção, como *A Peste* (1947), *A Queda* (1956) e *O Primeiro Homem* (1995); não-ficção, como *O Mito de Sísifo* (1942) e *O Homem Revoltado* (1951); além de teatro, como *O Mal-Entendido* (1944), *Calígula* (1945) e *Os Justos* (1949).

Cabe destacar que em 1942, Camus publicou seu primeiro romance de ficção, *O Estrangeiro*. O livro narra a história de Meursault, um homem condenado à morte por assassinar um árabe. O livro foi um sucesso imediato, e consagrou Camus como um dos principais escritores da época. Essa obra, objeto de estudo desse artigo, será mais bem detalhado na próxima sessão.

O Estrangeiro

Publicado em 1942, o romance *L'Étranger*, traduzido para português como *O Estrangeiro*, foi escrito e publicado durante a Segunda Guerra Mundial. Albert Camus adota a estética do absurdo nessa obra ficcional (Lauriti, 2009), onde a escrita é em primeira pessoa, contada por Meursault, um homem que vive sua vida de forma autêntica, sem se preocupar com as expectativas da sociedade. Ele é um homem que não consegue encontrar um sentido para a sua vida, e isso o leva a um sentimento de tédio e indiferença.

O romance inicia com a fala de Meursault: “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem” (Camus, 2016, p. 13), ao recebendo um telegrama do asilo, onde a mãe dele estava, informando: “Sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames” (Camus, 2016, p. 13). Ele demonstra uma falta de emotividade convencional diante da morte, não chorando no funeral e parecendo mais preocupado com as condições climáticas do que com a perda emocional.

Ao acordar, no dia seguinte, após o funeral, Meursault se questiona o porquê do aborrecimento do patrão ao ter pedido dois dias de licença e, racionalizando, imaginou que se daria por ele ter quatro dias de folga se somados com o fim de semana, mas ele não teve escolha para o dia do enterro da mãe. “Isto não me impede, é claro, de compreender o meu patrão” (Camus, 2016, p. 25), pensou.

Após levantar-se, decide ir tomar um banho de mar e, na praia, reconhece Marie Cardona, com quem trabalhou e que a desejara na época, e a convidou para o cinema à noite. Ao se ves-

tirem, Marie se mostra surpresa com a gravata preta que Meursault usava e o indaga se estava de luto ao ter a resposta que a mãe dele havia morrido, ela quis saber há quanto tempo isso aconteceu, e Meursault respondeu “morreu ontem”. Ele pensou em explicar a situação de que ele não tinha culpa, mas não fez nenhum comentário. Assim, deu-se início a um relacionamento sem muito comprometimento emocional.

No dia seguinte, domingo, Marie saiu cedo antes que Meursault acordasse e, como já não gostava de domingos, uma melancolia tomou conta dele. Na segunda-feira trabalhou bastante, pois o serviço tinha se acumulado, nesses dois dias de licença. Após o trabalho, ao ir para casa viu um vizinho, Salamano, que sempre maltratava o cachorro que cria e encontrou com outro vizinho, Raymond Sintès, com quem frequentemente fala e dessa vez o convidou para comer vinho e linguiça, o que aceitou, já pensando que o pouparia de fazer comida. Raymond tinha uma atadura enrolada na mão, e ao ser questionado relatou uma briga com um árabe, irmão de uma amante.

Durante o fim de semana, Meursault testemunhou episódios tumultuosos em que Raymond, seu conhecido, agrediu uma mulher em sua residência, sendo a violência apenas interrompida pela intervenção policial. Convocado a comparecer à delegacia, Raymond solicitou a Meursault que fosse sua testemunha, um pedido ao qual Meursault concordou, apesar de sua habitual indiferença e desconhecimento sobre o que dizer. Foi instruído a afirmar que a amante de Raymond o havia traído. Além disso, Raymond convidou Meursault para passar o fim de semana em uma casa de praia, convite este aceito pelo protagonista, que planejava levar consigo sua amiga Marie.

Em seu trabalho, Meursault recebeu a proposta para trabalhar em um novo escritório em Paris, ele “disse que sim, mas que, no fundo, tanto fazia” (Camus, 2016, p. 45).

Certo dia, Marie questionou se Meursault queria casar-se com ela, ao que respondeu que “tanto fazia”, mas já que ela queria, poderiam se casar. A indiferença se estava presente em seus sentimentos.

No fim de semana na praia, Meursault acompanha Raymond em uma vingança contra o árabe, momento em que Raymond sai ferido. Envolvido nessa desafronta, ao caminhar sozinho pela praia, Meursault encontra com o árabe e finda atirando e o matando. Ao perceber o que tinha feito, disparou mais quatro vezes contra o corpo do árabe, “e era como se desse quatro batidas secas na porta da desgraça” (Camus, 2016, p. 60), comentou em seu relato.

Meursault é preso e acusado de assassinato. Ele é julgado e condenado à morte. No corredor da morte, Meursault começa a compreender o absurdo da sua situação. Ele percebe que a sociedade não o entende, e que ele não tem esperança de escapar da morte.

Método

Para atingir o objetivo desse trabalho, procedeu-se uma Revisão Bibliográfica aprofundada da literatura relacionada às ideias de Immanuel Kant, sobretudo quanto ao texto “O que é Esclarecimento?”. A leitura atenta da obra de Camus, *O Estrangeiro* possibilitou uma análise minuciosa, conduzida para identificar elementos temáticos e conceituais que se conectam às ideias de Kant, especialmente aquelas relacionadas ao esclarecimento e à liberdade individual.

Em uma análise textual detalhada, focando em passagens e conceitos específicos de ambas as obras, destacando como os conceitos de esclarecimento e liberdade são representados e desenvolvidos, foram identificados paralelos entre as concepções kantianas e os elementos encontrados em *O Estrangeiro*. A contextualização da produção da obra é viabilizada diante do relato da vida e do contexto histórico e cultural em que ela foi produzida.

Esses dados permitiram um diálogo filosófico-literário, ou seja, entre os conceitos filosóficos de Kant e a narrativa literária de Camus, explorando como as ideias filosóficas se manifestam na trama e nos personagens de *O Estrangeiro*.

Análise e conclusões

Publicadas em épocas muito distintas, as obras “O que é Esclarecimento?” (1784), criada durante o Iluminismo, e *O Estrangeiro* (1942), criada durante a Segunda Guerra Mundial, abordam a autonomia individual e a busca pela verdade de maneiras distintas. Meursault, ao recusar-se a seguir as normas sociais, reflete a autonomia kantiana, buscando uma existência autêntica em um mundo aparentemente sem sentido.

A relação entre Meursault e o esclarecimento é complexa e pode ser interpretada de diversas maneiras. Em um primeiro momento, Meursault pode ser visto como um personagem que está preso na minoridade kantiana. Ele é um homem que vive sua vida de forma indiferente e sem propósito, sem questionar as normas e valores da sociedade em que vive. Ele é, portanto, um homem controlado por forças externas, em vez de ser um agente autônomo. Um exemplo disso acontece no seguinte trecho:

Marie veio buscar-me e perguntou se eu queria casar-me com ela. Disse que tanto fazia, mas que se ela queria, poderíamos nos casar. Quis, então, saber se eu a amava. Respondi, como aliás já respondera uma vez, que isso nada queria dizer, mas que não a amava (Camus, 2016, p. 46).

Outro exemplo acontece ao compreender, pós racionalizar, a insatisfação do patrão pelos dois dias de licença pedidos para ir ao velório da mãe, onde relata:

Ao acordar compreendi por que meu patrão se mostrara aborrecido quando lhe pedi meus dois dias de licença: hoje é sábado. Tinha, por assim dizer, esquecido, mas ao levantar-me, essa ideia me ocorreu. Meu patrão muito naturalmente pensou que eu disporia, assim, de quatro dias de folga, contando com o domingo, e isso não lhe podia agradar. Mas, por um lado, não é culpa minha se enterraram mamãe ontem em vez de hoje e, por outro lado, teria tido de qualquer maneira o sábado e o domingo livres. Isto não me impede, é claro, de compreender o meu patrão (Camus, 2016, p. 25).

Esses trechos indicam que Meursault é um homem controlado por forças externas. Ele não é um agente autônomo que toma suas próprias decisões. Ele simplesmente reage ao mundo ao seu redor, sem pensar ou questionar.

No entanto, também é possível interpretar Meursault como um personagem que está em busca do esclarecimento, como um homem que está disposto a enfrentar a realidade da vida, mesmo que isso seja doloroso. Ele não se deixa enganar pelas aparências ou pelas ilusões, portanto, é um homem que está buscando a autonomia e a liberdade.

Durante o funeral, ele parece mais interessado no calor escaldante do sol do que nas formalidades e tradições associadas ao luto. Ele descreve as cerimônias fúnebres de maneira impessoal e mecânica, revelando sua indiferença perante as expectativas sociais ligadas a esses eventos. O protagonista relata: “Não sei por que motivo esperamos bastante tempo antes de começarmos a andar. Eu estava com calor debaixo das roupas escuras” (Camus, 2016, p. 22). Ou ainda, quando o porteiro ia desparafusar o caixão para que Meursault visse sua mãe, ele mesmo o deteve e disse que não queria, contrariando as normas sociais.

Sua recusa em seguir normas e expectativas sociais pode ser interpretada como uma busca pela liberdade individual, desvinculada das restrições impostas pela sociedade. Entretanto, esse comportamento é condenado pela sociedade, de tal modo que, ao não querer que abrisse o caixão, se sentiu constrangido diante do silêncio do porteiro e com sentimento de que não deveria ter dito isso.

Já em seu julgamento, um depoente é questionado pelo promotor se tinha visto Meursault chorar no velório da mãe. Essa cena mostra o quão pressionado o protagonista foi para não expressar sua autenticidade, mas seguir ao que dita a sociedade.

No final do romance, Meursault é condenado à morte. Essa condenação pode ser interpretada como um símbolo da sociedade que condena aqueles que não se conformam às expectativas sociais. No entanto, Meursault aceita sua condenação de forma serena. Ele mantém sua autenticidade ao não se arrepender de seus atos e não tentar se justificar. Ele está pronto para enfrentar a morte, mesmo que isso signifique o fim de sua existência. Nesse ponto, ele não age como um sábio que deve exercer seu direito em momento oportuno, nunca deixando de raciocinar e tomar ciência dos acontecimentos ao seu redor, como destaca Kant.

A aceitação da morte por parte de Meursault na obra *O Estrangeiro* é um ponto crucial para a interpretação de sua busca pelo esclarecimento. Sua atitude em relação à finitude da vida pode ser interpretada como um sinal de que ele alcançou um estado de compreensão profunda, alinhando-se, de certa forma, com os princípios do esclarecimento kantiano.

Ao aceitar a morte como uma inevitabilidade e, mais notavelmente, ao se mostrar indiferente a ela durante o funeral de sua mãe, Meursault demonstra uma visão desprovida de ilusões e falsas esperanças. Essa atitude não se traduz necessariamente em apatia, mas sim em uma aceitação lúcida da condição humana.

Esse reconhecimento da falta de sentido intrínseco na vida, conforme percebido por Meursault, pode ser interpretado como um sinal de sua iluminação pessoal. Kant defendia a ideia de esclarecimento como a capacidade de pensar por si, de questionar e desafiar concepções preestabelecidas. Nesse sentido, Meursault parece ter transcendido as expectativas sociais convencionais e as normas que regem as atitudes diante da morte.

A compreensão de que a vida é essencialmente sem sentido não leva Meursault ao desespero, mas sim a uma busca por uma existência autêntica e digna. Sua liberdade não está apenas na recusa em se conformar às expectativas sociais, mas também na capacidade de viver de maneira autêntica, alinhada com sua própria verdade interna.

Ao se libertar das amarras das expectativas sociais, Meursault não está mais preso a convenções que impõem uma visão predeterminada do que é considerado “digno” ou “aceitável”. Essa liberdade interior permite-lhe viver de acordo com seus próprios termos, mesmo em um mundo que muitas vezes busca impor significados e valores específicos.

Cabe notar, contudo, que a aceitação da morte por Meursault, embora possa ser lida como sinal de lucidez existencial, não constitui plenamente o esclarecimento kantiano. Meursault alcança uma forma de autonomia individual (liberdade frente às convenções), mas fracassa em exercer publicamente sua razão. Ele não defende argumentativamente sua posição, não articula as razões de sua recusa, não busca transformar as estruturas que o condenam. Sua resistência permanece silenciosa, individual, desarticulada da esfera pública. Nesse sentido, Meursault exemplifica os limites de uma autonomia meramente privada: sem o uso público da razão, ela se mostra impotente diante do poder punitivo das instituições. Essa dimensão crítica será desenvolvida nas implicações contemporâneas desta análise.

A aceitação da morte por Meursault não o torna indiferente à vida, mas sim consciente dela em sua complexidade e falta de significado intrínseco. Essa consciência é, em

si, um ato de esclarecimento, levando-o a uma existência autêntica e liberta das amarras sociais convencionais.

Implicações contemporâneas: esclarecimento e autonomia nas relações de trabalho

A análise desenvolvida ao longo deste artigo, ao evidenciar a tensão entre autonomia individual e uso público da razão em *O Estrangeiro*, permite iluminar questões contemporâneas que transcendem o horizonte da interpretação literária. Particularmente relevante é a compreensão de como a recusa à conformidade normativa, quando desarticulada de uma dimensão pública e crítica, pode resultar antes em isolamento e punição do que em transformação emancipatória.

O destino trágico de Meursault não decorre simplesmente de sua autenticidade, mas de sua incapacidade de articular sua recusa individual com o exercício público da razão. Ao permanecer silencioso diante das expectativas sociais, ao não justificar racionalmente suas escolhas na esfera pública, Meursault fracassa em realizar plenamente o ideal kantiano de esclarecimento. Ele alcança a autonomia no plano privado (recusa à hipocrisia, rejeição das convenções), mas não transita para o uso público da razão, que exigiria a defesa argumentativa e pública de sua posição. Esse fracasso revela uma dimensão essencial do esclarecimento frequentemente negligenciada: a autonomia individual, quando não articulada com a crítica pública, permanece vulnerável à punição institucional.

Essa leitura mostra-se particularmente fértil para compreender fenômenos contemporâneos nos quais trabalhadores estabelecem limites entre suas obrigações contratuais formais e as demandas informais que lhes são impostas. Ao recusar o “trabalho extra”, a hiperdisponibilidade e a entrega emocional não recompensada, esses sujeitos manifestam uma forma de resistência que, embora legítima, permanece frequentemente silenciosa e individualizada. Assim como Meursault, eles mantêm o cumprimento de suas funções formais, mas recusam o engajamento simbólico que extrapolaria os limites contratuais, configuração que tem sido designada, no campo organizacional, como “engajamento delimitado” ou, de forma menos precisa e mais popularizada, “*Quiet Quitting*” (demissão silenciosa).

A análise kantiana permite compreender por que essa forma de resistência, quando permanece no plano meramente individual, tende a ser interpretada pelas instituições como problema disciplinar (preguiça, desinteresse, falta de comprometimento) em vez de crítica legítima às condições de trabalho. Sem o exercício público da razão, ou seja, sem a articulação coletiva e pública das razões que justificam essa delimitação de fronteiras, a recusa individual permanece vulnerável à estigmatização e à punição, reproduzindo assim, em contexto contemporâneo, o destino trágico de Meursault.

Essa constatação não implica, contudo, romantizar a resistência coletiva ou desconsiderar as assimetrias de poder que limitam a possibilidade de uso público da razão em contextos organizacionais marcados por precarização e vulnerabilidade. Muitos trabalhadores não dispõem de condições materiais ou simbólicas para exercer publicamente sua crítica sem risco de retaliação. Nesse sentido, a delimitação silenciosa de fronteiras pode constituir a única forma de resistência disponível em determinados contextos, revelando não uma escolha por permanecer na menoridade, mas a estrutura de tutela que ainda caracteriza muitas relações institucionais contemporâneas.

A atualidade do pensamento kantiano reside, assim, em sua capacidade de distinguir autonomia autêntica (uso público da razão) de autonomia meramente privada (recusa individual si-

lenciosa), permitindo uma crítica filosófica das condições estruturais que impedem o pleno exercício do esclarecimento. Ao revelar os limites da resistência individual desarticulada da esfera pública, Kant (lido através de Camus) fornece instrumentos conceituais para diagnosticar as ambiguidades de formas contemporâneas de resistência que, embora legítimas em seu conteúdo, permanecem vulneráveis em sua forma predominantemente individualizada e despolitizada.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, explorou-se a interseção entre a filosofia de Immanuel Kant, particularmente em seu texto “O que é Esclarecimento?”, e a obra literária *O Estrangeiro* de Albert Camus. A proposta foi analisar como as ideias kantianas sobre autonomia, esclarecimento e liberdade podem ser aplicadas e enriquecer a compreensão do protagonista Meursault e sua jornada existencial.

Meursault, através de sua aparente indiferença e desprezo pelas convenções sociais, emerge como um personagem que desafia as expectativas da sociedade. Sua aceitação da morte, longe de ser uma apatia niilista, pode ser interpretada como uma busca pela verdade e uma compreensão lúcida da natureza efêmera da existência. Esse encontro com a realidade, desvinculado das ilusões sociais, ressoa com os princípios de esclarecimento de Kant.

A aplicabilidade da filosofia de Kant em cenas específicas da vida de Meursault destaca a riqueza e a complexidade que a interseção entre filosofia e literatura pode oferecer. O diálogo entre essas disciplinas proporciona uma abordagem única para a compreensão da condição humana, transcendendo as limitações de cada domínio isoladamente.

A filosofia, ao ser aplicada a obras literárias, revela-se não apenas como uma disciplina abstrata, mas como um instrumento vivo para a exploração das complexidades da existência. *O Estrangeiro* torna-se, assim, mais do que uma narrativa ficcional; transforma-se em um terreno fértil para reflexões sobre liberdade, esclarecimento e autenticidade.

A interseção entre filosofia e literatura não apenas enriquece a interpretação de obras literárias, mas também oferece uma perspectiva mais ampla sobre as questões fundamentais da existência. Neste contexto, a filosofia não é relegada a tratados acadêmicos, mas ganha vida nas páginas de uma narrativa, influenciando diretamente a compreensão do leitor sobre a complexidade da existência humana.

A análise comparativa entre Kant e Camus permite uma reflexão sobre as barreiras que impedem o esclarecimento na contemporaneidade. A figura de Meursault, em sua busca por autonomia e enfrentamento das normas sociais, espelha os desafios enfrentados por indivíduos em uma sociedade que frequentemente reprime a liberdade de pensamento e a autenticidade. Assim, o artigo não apenas contribui para o entendimento de obras específicas, mas também suscita um debate mais amplo sobre a relevância contínua das ideias iluministas em um mundo moderno marcado por crises existenciais e sociais.

A inter-relação entre filosofia e literatura neste contexto não apenas enriquece a compreensão individual de cada obra, mas também proporciona uma visão mais ampla e contextualizada das tensões fundamentais que atravessam a existência humana em diferentes momentos históricos. A análise de *O Estrangeiro* à luz do conceito kantiano de esclarecimento revelou que Meursault encarna uma forma paradoxal e, em última instância, trágica de autonomia: ao recusar as convenções sociais sem articular publicamente as razões de sua recusa, ele permanece aprisionado em uma autonomia meramente privada, vulnerável à punição institucional.

Essa constatação possui implicações que transcendem o horizonte da interpretação literária. Ela permite compreender por que formas contemporâneas de resistência à normativi-

dade institucional, especialmente no âmbito das relações de trabalho, tendem a ser estigmatizadas quando permanecem no plano individual e silencioso, sem transitar para o exercício público da razão. A distinção kantiana entre uso privado e uso público da razão revela-se, assim, não como categoria meramente histórica, mas como ferramenta crítica para diagnosticar os limites de resistências individualizadas e despolitizadas.

Este estudo contribui, portanto, para um debate mais amplo sobre as condições de possibilidade do esclarecimento na contemporaneidade, evidenciando que a autonomia autêntica exige não apenas a recusa individual à tutela, mas a articulação coletiva e pública das razões que justificam essa recusa. Sem essa dimensão pública, a delimitação de fronteiras entre conformidade obrigatória e engajamento voluntário permanece vulnerável à captura pelos discursos institucionais que patologizam a resistência e individualizam o que é, em verdade, sintoma de estruturas normativas insustentáveis.

A convergência entre filosofia e literatura, mediada pela análise crítica das categorias kantianas aplicadas à obra de Camus, abre caminho para investigações futuras que articulem reflexão filosófica e pesquisa empírica sobre transformações nas relações entre sujeito e instituições. Ao fornecer fundamentos conceituais para distinguir resistência crítica de mera apatia, autonomia de isolamento, e delimitação ética de conformismo passivo, este trabalho oferece subsídios teóricos para compreender fenômenos contemporâneos nos quais a tensão entre obediência e emancipação assume novas configurações, exigindo análises que não percam de vista as dimensões simultaneamente filosóficas, existenciais e estruturais que as constituem.

Referências

- CAMUS, A. *O Estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- CAMUS, A. *Personal writings*. Tradução de Ellen Conroy Kennedy e Justin O'Brien. New York: Vintage International, 2020.
- HÖFFE, O. *Immanuel Kant*. Tradução de Christian Viktor Hamm e Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- KANT, I. Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento [*Aufklärung*]? In: KANT, I. *Textos seletos*. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KLEIN, J. T. A resposta kantiana à pergunta: que é esclarecimento? *Ethic@ Revista Internacional de Filosofia da Moral*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 211-227, 2009.
- KUEHN, M. *Kant: A biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- LAURITI, T. A estética do Absurdo em 'O Estrangeiro' de Albert Camus. *Revista Multidisciplinar da UNIESP*, São Paulo, n. 8, p. 27-34, 2009.
- MARCHESE, F.; AGUIAR, E. M. de. *Immanuel Kant: Vida, Obra e Contexto Histórico*. Campinas: Unicamp, 2018. Disponível em: https://www.gepes.fe.unicamp.br/pf-gepes/mooc03-immanuel_kant-fe.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.
- ONFRAY, M. *L'ordre libertaire: La vie philosophique d'Albert Camus*. Paris: Flammarion, 2012.
- PASCAL, G. *Compreender Kant*. Tradução de Raimundo Vier. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia*. v. 4, de Spinoza a Kant. São Paulo: Paulus, 2005.

SIQUEIRA, G. S. Breves considerações sobre o esclarecimento ou iluminismo no pensamento de Kant. *Revista Jurídica da UniFil*, Londrina, v. 3, p. 66-69, 2006.

VAN DER POEL, I. Camus: a life lived in critical times. In: HUGHES, E. J. (Ed.). *The Cambridge companion to Camus*. Cambridge University Press, 2007. p. 13-25.

ZARETSKY, R. *Albert Camus, Elements of a Life*. Ithaca: Cornell University Press, 2010.

ZARETSKY, R. *A life worth living: Albert Camus and the quest for meaning*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2013

WOOD, A. W. *Kant*. Tradução de Delamar José Volpato Dutra. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Sobre o autor

Luiz Henrique Pimenta Quintela

Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Ciências da Propriedade Intelectual, Graduado em Psicologia e Administração pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Recebido: 22/02/2026

Received: 22/02/2026

Aprovado: 25/05/2005

Approved: 25/05/2005